

# O OUTRO PÉ DA SEREIA: UM ENTRELAÇAMENTO ENTRE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE MOÇAMBIQUE E O UNIVERSO FICCIONAL DE MIA COUTO

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina (UFR/UNIR)<sup>1</sup>

## Introdução

As relações entre história e ficção não são recentes e têm recebido da crítica contemporânea tratamentos distintos, conforme o foco de interesse e possibilidades de análise. Embora sejam fios distintos em suas especificidades constitutivas, história e ficção se conciliam para juntas produzirem interpretações, questionamentos, revisões e resgate de personagens em nuances históricas possibilitando discussões e formas de reavaliar o passado. Suas diferenças, contudo, também foram se estabelecendo, entre outros motivos, pela acentuada discussão em torno dos limites de atuação e especificidades inerentes a cada área.

A intervenção de elementos da história na ficção põe em evidência que a possibilidade de entrelaçamento se dá com base no princípio de que tais escritos podem ser concebidos como formas de conhecimento do mundo e formas de expressá-lo, acentuando-se, sobretudo, na ficção, a expressividade da linguagem. Contudo, embora considerando suas elásticas fronteiras, história e ficção possuem especificidades geradoras de pontos de contato e distanciamento. Mesmo considerando que ambas possuem formas de escritas condicionadas à subjetividade de um autor, a ficção é isenta de comprovação como verdade factual, mas a história, a ela está sujeita. Como ponto de partida, podem ser ressaltadas as distintas metas as quais se dirigem historiografia e ficção, pois se a escrita da ficção trabalha no sentido de por a verdade entre parênteses, a história tem por meta fixá-la atribuindo-lhe o valor de um conhecimento sobre o passado.

Dessa forma, é por esse viés, do diálogo entre História e ficção, que direcionamos nosso olhar para a construção ficcional de Mia Couto, mais especificamente para a obra *O outro pé da*

*sereia*. Em seu processo criativo o autor elabora uma tessitura enviesada com diferentes fios, matizados com símbolos que evocam momentos históricos da colonização portuguesa em Moçambique. Para isso, seu instrumento é a palavra, sempre intensificada de significados, gerando possibilidades para novas interpretações.

### **O diálogo com a história na ficção coutiana**

Em suas análises sobre as estratégias interpretativas dos eventos históricos, Hayden White (2008) alerta para a importância de se considerar o grau de invenção no trabalho do historiador. A justificativa para esse enfoque ancora-se no princípio de que o grau de invenção também desempenha um papel nas operações do historiador. Para o autor, simplesmente considerar que a diferença entre história e ficção reside no fato do historiador “achar” suas estórias, enquanto que o ficcionista “inventa” as suas é uma concepção que obscurece a ação inventiva do historiador.

Partindo da perspectiva de que história e ficção são formações discursivas diferenciadas, Luiz Costa Lima (2006) apresenta uma analogia entre o enunciado literário e o não literário simplificando, por meio das metas e especificidades da linguagem, as características de cada discurso. Segundo o autor, “o enunciado não literário caracteriza-se por visar um objeto existente, direcionado ao mundo real, de algo extraído como seu conteúdo [...] já o enunciado literário não se subordina à direcionalidade ontológica, desviando-se da exigência de verdade” (2006, p. 345). Emerge dessa relação, o entendimento de que história e ficção aproximam-se e se distanciam por seus modos de pensar e expressar o mundo.

Benedito Nunes (1988) posiciona-se diante dessa relação afirmando que na ficção os acontecimentos escapam a qualquer espécie de confirmação empírica. Por outro lado, nos eventos da história os dados empíricos remetem a acontecimentos do passado, são documentos que fazem referência a um mundo real. Ainda segundo o autor, tal relação se sustenta no fato de que história e ficção são formas de linguagem que têm por objetivo a atividade humana. Nesse sentido, seus escritos são elaborados a partir de experiências, acontecimentos e vivências que

entrelaçam “seus diferentes ramos na medida da temporalidade que elabora”. Tal princípio torna evidente a importância que o tempo assume nesse entrelaçamento, pois ainda segundo o autor, “Narrar é contar uma história, e contar uma história é desenrolar a experiência humana do tempo” (NUNES, 1988, p. 35).

Partindo da dicotomia entre o literário e o histórico, Hutcheon afirma que é a separação entre o literário e o histórico que hoje se contesta na teoria e na arte pós-moderna. Contudo, “as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas formas de escrita têm em comum do que em suas diferenças” (1991, p. 141). Sob essa ótica, considera-se a força que ambas obtêm a partir da verossimilhança e que são identificadas como construtos linguísticos que desenvolvem textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Embora o estabelecimento de fronteiras entre esses dois campos continue sendo objeto de uma longa discussão, as considerações apresentadas fornecem elementos para compreender que a ficção, concebida como um dispositivo discursivo atua com uma maneira própria de tematizar sobre o que a história toma como verdade, preenchendo com uma linguagem estetizante as lacunas deixadas pelo registro oficial. É com essa configuração que se caracteriza a ficção colonial. Sua narrativa faz incursões na história para recriá-la, como uma forma privilegiada de ler a mentalidade de uma época transcrita pela versão oficial dos fatos, desestabilizando as narrativas legitimadoras, porém longe da intenção de produzir outra verdade histórica.

Em suas reflexões sobre o papel de sua obra ficcional em relação à história de Moçambique, Mía Couto lança o seguinte questionamento: “De onde vem a dificuldade de nos pensarmos como sujeitos da história? Vem, sobretudo, de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade” (COUTO, 2009, p. 31). Nesse sentido, Fonseca e Cury (2009, p. 84), analisam que “o escritor parte de fatos históricos, de acontecimentos ‘reais’, para neles inserir vozes que a história reprimiu, para reler os acontecimentos reinventando seu contexto, envolvendo-os com uma aura de fantasia”. Tal postura estética vai ao encontro do que Fanon (2002, p. 179) defende em relação

ao intelectual que escreve para sua nação. Ele “deve escrever para compor a sentença que expressa o coração do povo e para tornar-se uma peça importante para uma nova realidade. [...] Por fim, o intelectual nativo deve usar o passado com a intenção de abrir o futuro, como um convite e uma base para a esperança”.

Inerente à inclinação de construir a ficção nas lacunas deixadas pela história, está o trato diferenciado que o autor dá às palavras. É interessante ressaltar nesse processo o poder que a palavra exerce na escrita de Mia Couto. Na concepção do autor, a palavra é dotada de uma força ligada ao plano divino e que tem de lutar para não ser silêncio. A palavra, assim, detém um poder criador capaz de fundar uma nova realidade cultural tão presente em suas narrativas e nas suas relações com a história do seu povo.

Analisando o processo de escrita criativa do autor, Ana Mafalda Leite afirma que “Mia Couto, poeta, contador de estórias, retoma a herança lingüístico-literária dos mais velhos, dos diversos falares da rua, urbanos, suburbanos, do campo, e acrescenta-lhes as suas ‘imaginâncias’ pessoais [...] (1999, p. 8). A linguagem literária criada pelo autor é resultante de um trabalho inventivo e criativo que mescla a língua portuguesa, as construções lingüísticas utilizadas pelas diferentes tribos, a oralidade e provérbios populares. O conjunto de sua obra é singularmente caracterizada por essa proposta inusitada de inovar a linguagem. Contudo, trata-se de uma proposta perpassada pelo ideal de dar um novo sentido, com nuances poéticas, às histórias de vida de um povo cujas trajetórias e lutas são marcadas pelo sofrimento e desejo de libertação.

A história de seu país, Moçambique, aparece reiteradamente como pano de fundo para compor a narrativa dos seus romances, como em *Terra Sonâmbula* (1992), *A varanda do fragipani* (1993), *O último vôo do flamingo* (2000), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002) e o *Outro pé da sereia* (2006), que em 2007 ganhou o 5º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, pelo melhor romance publicado em língua portuguesa, obra sobre a qual deteremos nossa análise.

Sobre a produção literária de Mia Couto, Ana Cláudia Silva, pesquisadora da fortuna crítica do ficcionista no Brasil, afirma que adotando uma linguagem literária própria e inovadora,

entretecida com humor e recriação linguística, o autor levou a literatura de Moçambique a ultrapassar os limites de sua nação. De acordo com Silva, trata-se de uma produção que marca a história da literatura moçambicana e se sobressai pelo entrelaçamento de culturas, pela busca de identidade, pelo desejo de construção da nação moçambicana, pela reflexão sobre o passado colonial e por “ecos amargurados de um país desfeito pela colonização” (SILVA, 2010, p. 72). Nessa perspectiva, Mia Couto consegue fazer de seu romance um importante veículo de afirmação e expressão das literaturas africanas de língua portuguesa. Na análise de Silva,

as culturas que subsistem na oralidade, em Moçambique, têm uma presença constante na obra do autor, que dela resgata elementos – história, mitos crenças etc. – com os quais tece enredos que transitam entre o realismo e o inusitado das situações permeados, sempre de ironia, drama e crítica social, num equilíbrio que permite a abordagem de temas complexos – tais como as guerras, a corrupção, o amor, a política e outros – de forma leve e bem humorada (2010, p. 12).

É possível observar, portanto, que é na esteira aberta pelo diálogo entre universo ficcional e história que Mia Couto propõe uma revisão da história do seu país pela ficção. Sua escrita propõe uma recontagem tecida com fios históricos e fios imaginários representados pelas vozes das personagens que estruturam o enredo. Tal tessitura também se constitui pelo viés da ironia e da crítica aos relatos elaborados pelo colonizador e que deixaram à margem o sofrimento de um povo reificado pelo sistema colonial. Toda a trajetória de guerras e dramas sofridos pelo povo moçambicano configura-se numa fonte de inspiração para o ato criativo do autor. Há nessa revisitação uma nova perspectiva para o registro oficial da história que passa a ser narrado não do ponto de vista dos vencedores, mas do ponto de vista dos que tiveram suas vozes negligenciadas pelo processo de colonização. É possível compreender, portanto que personagens apagadas pelos registros da história assumem uma posição de

destaque com o papel de recuperar e repensar a cultura, valores e crenças outrora silenciados.

Compreendemos, portanto, que a possível relação da obra de Mia Couto com a vertente literatura pós-colonial se justifica pelo fato de que as concepções que emergem dessa corrente teórica trazem à cena literária, diferentes representações da experiência do sujeito pós-colonial. Nessa perspectiva, apresenta diferentes enfoques e estratégias no exame da história, literatura e outras formas de experiência cultural. Experiências de alteridade, diferença, identidade cultural, migração, diáspora, escravidão, opressão, resistência, hibridização e representação são algumas das questões debatidas pelos estudos pós-coloniais. Em consonância com tais princípios, a literatura produzida por Mia Couto assume um papel de destaque, pois intervém artisticamente na história, diluindo posições hegemônicas e fixas, abrindo espaços de negociações e trocas culturais.

Os espaços de negociação criados pelas encenações das personagens no espaço literário coutiano empenha-se em diluir a fixidez de lugares e tradições, gerando o entendimento de que a recuperação das tradições é totalmente permeada por um processo de reinvenção que se opõe à ideia de origem fixa. Logo, a tradição que se transparece por meio das histórias, relatos e mitos é trabalhada sempre pelo viés da reinvenção, pela elaboração de uma origem ressignificada e deslocada, contrariando qualquer ideia de essencialismo e rigidez identitária. Torna-se evidente, portanto, que a relação que o autor estabelece com a história em seus romances dá visibilidade à tematização da guerra, da colonização, da tradição e do hibridismo cultural, temas que estão diretamente ligados a sua inserção no processo de reconstrução do seu país.

A trajetória da produção literária de Mia Couto está essencialmente ligada à história de libertação do seu país, fato que justifica ser uma constante, em seus romances, a presença de temas como a guerra, acontecimentos que marcaram o processo de descolonização e, posteriormente, a situação pós-colonial. Sua atuação como jornalista durante a última fase das lutas do seu povo contra a colonização, bem como as experiências vividas durante as guerras civis no período de pós-independência e reconstrução de Moçambique possibilitaram ao autor transitar

com muita propriedade entre mundos reais e imaginários. Em sua proposta de revisitação da história pelo viés da ficção, há um redimensionamento nas posições ocupadas pelos personagens que constam nos registros oficiais, associado à inserção de personagens ficcionais nos diferentes tempos que compõem a narrativa. Tal estratégia pode ser concebida como uma forma de dar visibilidade às tensões geradas pelo contato entre colonizador e colonizado.

### **Uma (re)construção da história pela representação das personagens**

Em seu processo de criação literária, Mia Couto deixa transparecer, por meio da atuação das personagens, representações temáticas em torno do diálogo instaurado entre seu universo ficcional e a história, dentre eles a opressão do sistema colonial e o hibridismo nas identidades culturais. Objetivando dar visibilidade a tais temáticas, direcionaremos nosso foco para a encenação de Mwadia Malunga e D. Gonçalo da Silveira, personagens que povoam diferentes espaços e fazem a ligação dos distintos tempos que constituem o Romance. Para esse empreendimento, serão feitos recortes de fragmentos do texto onde se concentram as questões de enfoque para a análise.

Uma análise realizada por Luana Antunes Costa sobre o romance *O outro pé da sereia* destaca as características estéticas que o constituem revelando, sobretudo, que a obra inaugura um novo momento da trajetória literária de Mia Couto. Segundo Costa:

Não se trata somente de um resgate da oralidade, marca de seu local de cultura, nem tampouco de uma tentativa de escrever um “romance histórico” à maneira ocidental. Antes, trata-se de “transbordamento” das margens estéticas e culturais que enformam o sujeito escritor, daí a força da metáfora das águas – dos rios, dos mares, da lágrima, idioma primeiro de toda a humanidade –, escolhida pelo autor como uma das bases potencializada pelas/nas encenações das personagens, que são, por sua vez, revestidas

com as cores das gentes do mundo. [...] as viagens colocadas em cena representam a lâmina pela qual o produtor esculpe os sujeitos ficcionais, os quais possuem papel ativo na trama, pois entrecruzam os fragmentos de seus diversos códigos culturais, amalgamando-os uns aos outros pelo compartilhamento cultural ou pelas dúvidas e questionamentos identitários que se colocam ao longo da narrativa (2008, p. 131-132).

No romance, os tempos movimentam-se numa alternância entre passado e presente. A idéia de entrelaçamento entre tempos e espaços já se apresenta no índice fazendo a divisão dos capítulos a partir da indicação dos lugares e da marcação das datas da seguinte forma: Moçambique, Dezembro de 2002; Goa, Janeiro de 1560; Oceano Índico, Janeiro de 1560; rio Zambeze, Março de 1561. Essa separação que marca o início de cada capítulo serve de pista que conduz o leitor na identificação dos tempos e espaços onde se passam as ações. Seguindo esse esquema de interposição, a organização feita pela oscilação de diferentes momentos históricos que fazem referência ao processo de colonização da África pelos portugueses, registra um tempo localizado no passado, no século XVI, de janeiro de 1560 a março de 1561, e um tempo presente, localizado no século XXI, situado em dezembro de 2002.

O período da história, representado no presente, é emoldurado pela proteção da imagem da santa ou da deusa Kiandra que em 2002 é encontrada por Mwadia Malunga e o marido, Zero Madzero, sem um dos pés, próxima ao rio que passa no lugarejo de Antigamente:

Mwadia procurava as roupas que o rio arrastara quando soltou um grito. O pastor acorreu, esbaforido. Seus olhos se petrificaram. Entre os verdes sombrios, figurava a estátua de uma mulher branca. Era uma Nossa Senhora, mãos postas em centenária prece. As cores sobre a madeira tinham-se lavado, a madeira surgia, aqui e ali, espontânea e nua. O mais estranho, porém, é que a Santa tinha apenas um pé. O outro havia sido decepado.  
- Já viu, Mwadia? Esta é a Virgem coxa! (COUTO, 2006, p. 38)



A atuação de Mwadia Malunga enriquece de significado a relação estabelecida entre os espaços e os diferentes tempos que compõem a narrativa de ficção. Suas ações, configuradas pelas múltiplas viagens, desvelam os entrecruzamentos do passado no presente de Moçambique, desvelam as relações existentes entre os séculos XVI e XXI. Nessa configuração, a viagem da personagem é concebida como um recurso simbólico para o cruzamento das temporalidades que põe em evidência a presença de elementos da história da colonização portuguesa em Moçambique na ficção literária.

Juntamente com a imagem, é encontrado também um baú contendo documentos, relatos de viagem que pertenceram ao missionário jesuíta D. Gonçalo da Silveira, autoridade colonial, a serviço da coroa portuguesa, cuja missão foi levar a imagem da santa, de Goa ao reino de Monomotapa, em Moçambique no ano de 1560. Emergem da encenação das personagens Mwadia Malunga e do missionário D. Gonçalo da Silveira a ligação entre os tempos no espaço ficcional e o diálogo da história com a ficção, como uma forma de revisitar o passado, mostrando uma nova perspectiva para o fato histórico.

A temporalidade que faz referência ao passado na narrativa é representada pela evocação da História sobre a travessia do Índico e a incursão dos missionários na África, no ano de 1560, conforme descreve o seguinte fragmento:

A nau Nossa Senhora da Ajuda acaba de sair do porto de Goa, rumo a Moçambique. Cinco semanas depois, em Fevereiro de 1560, chegará à costa africana.

Com Nossa Senhora da Ajuda seguem mais duas naus: São Jerónimo e São Marcos. Nos barcos viajam marinheiros, funcionários do reino, deportados, escravos. Mais do que todos, porém, a nau conduz D. Gonçalo da Silveira, o provincial dos jesuítas na Índia portuguesa. Homem santo, dizem. O jesuíta faz-se acompanhar pelo padre Manuel Antunes, um jovem sacerdote que se estreava nas andanças marítimas.

O propósito da viagem é realizar a primeira incursão católica na corte do Império do

Monomotapa. Gonçalo da Silveira prometeu a Lisboa que baptizaria esse imperador negro [...] Por fim, África inteira emergiria das trevas e os africanos caminhariam iluminados pela luz cristã. A estátua de Nossa Senhora, benzida pelo papa, é o símbolo maior desta peregrinação (COUTO, 2006, p. 51).

Assim, utilizando os relatos de viagens, Mia Couto revisita o passado, mais precisamente o século XVI, apropriando-se de fatos históricos para escrever a ficção. Dessa forma, elementos que fizeram parte da história oficial atuam como pano de fundo na composição do romance. Além dos fatos que descrevem a incursão dos portugueses na África, a narrativa de ficção também é composta pela presença do jesuíta D. Gonçalo da Silveira, criada com o intuito de representar a colonização portuguesa e a imposição do cristianismo.

Sobre a existência histórica de D. Gonçalo da Silveira, Costa (2008) faz referência à obra de Paiva e Pona, intitulada *Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Monomotapa (1892)*. De acordo com a pesquisadora, os autores citam a figura de D. Gonçalo da Silveira como um dos primeiros portugueses a pisar o solo do Monomotapa em 1560. Apropriando-se desse fato, o jesuíta português assume uma posição de destaque na parte que registra o passado da narrativa, no ano de 1560, posteriormente, em 2002, é evocado pela personagem Mwadia passando a encenar no presente por meio da leitura dos seus escritos.

Em entrevista, questionado sobre a origem do romance *O outro pé da sereia*, o autor explica:

Um dos núcleos inspiradores foi a leitura de um documento histórico que relata o encontro do missionário D. Gonçalo da Silveira e o Imperador do Monomotapa. O encontro é muito sugestivo, rico em mal-entendidos que revelam códigos culturais diversos. Essa distância continua a marcar ainda hoje aquilo que se celebra como “encontro” de culturas.<sup>2</sup>

Contudo, embora tenha recorrido a esses recursos, na mesma entrevista o autor rejeita a configuração de caráter histórico do seu romance, justificando para isso a impossibilidade de reconstrução fiel dos fatos. Para o autor, o que simplesmente ocorreu foi um diálogo, um jogo lúdico com um episódio da história.

Dessa forma, a narrativa coutiana configura-se numa forma privilegiada de ler a mentalidade de uma época transcrita pela versão oficial, porém longe da intenção de produzir outra verdade histórica. Ao partir de fatos que constam nos registros oficiais, os escritos de Mia Couto fornecem elementos para compreender que a ficção atua com uma maneira própria de tematizar sobre o que a História toma como verdade, preenchendo suas lacunas com uma linguagem estetizante.

No processo de criação literária de Mia Couto há uma proposta de diluição das fronteiras entre História e ficção. Elementos que fizeram parte da História oficial, também atuam na composição dos cenários ficcionais. Assim, além dos fatos que descrevem a incursão dos portugueses na África, a narrativa de ficção também é composta pela presença do jesuíta D. Gonçalo da Silveira, personagem extraído da História, para atuar na ficção com o intuito de representar a colonização portuguesa, mais especificamente, o cristianismo imposto pelos portugueses no processo de colonização.

Em *O outro pé da sereia*, o que antes era negligenciado assume uma posição de destaque com o papel de recuperar e repensar a cultura, valores e crenças outrora silenciados. Nas vozes que constituem a narrativa há a reivindicação da religiosidade e da língua na atuação das personagens. Tal reivindicação configura-se em marcas identitárias que buscam reafirmar um sentido de pertencimento, bem como restaurar valores culturais que foram destruídos pelo sistema colonial. A denúncia do apagamento da cultura do colonizado revela ecos de vozes reprimidas e silenciadas, alvos da ideologia colonial. A descrição desse cenário vai ao encontro da noção de imperialismo. De acordo com Edward Said, imperialismo "significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros" (1995, p. 13). Contudo, também há a reconstrução dessas vozes

que fazem uma incursão na história para recriá-la, configurando-se numa possível resposta de transcendência da dominação cultural resultante do processo de colonização.

Em *O outro pé da sereia*, a imagem de Nossa Senhora assume a representação da religiosidade dos portugueses, porém sob a ótica dos escravos africanos a imagem é a representação da deusa Kianda, rainha das águas, que assume as formas de uma sereia, mas que foi transfigurada pelos portugueses ao ter a imagem talhada com dois pés. Dessa forma, a imagem é uma representação híbrida que possibilita ressignificações por diferentes signos culturais não assumindo, assim, um sentido fixo. A idéia da África exótica, com uma identidade pura e autêntica é um dos equívocos encenados pelas personagens no romance.

Assim, embora no romance haja a presença de elementos que buscam a restauração da cultura ameaçada pelo processo de colonização de Moçambique, essa busca, contudo, não é expressa de forma polarizada, como uma dicotomia ou um duelo entre colonizador e colonizado, pois também surgem elementos que dialogam ou negociam para resistir à imposição dos ideais dominantes. Todo esse processo gerou espaços de negociação com outras culturas, sem que houvesse para isso, uma assimilação total nem a perda completa de traços culturais, mas a construção de um espaço constituído de culturas híbridas.

Considerando essa linha de pensamento, é interessante evidenciar as concepções de Hommi Bhabha (1998) em torno da cultura no contexto da experiência pós-colonial. Por esse viés, o autor analisa as culturas híbridas marcadas por histórias de deslocamentos tratando-as pela experiência da escravidão e das diásporas migratórias. De acordo com a análise do autor, são essas histórias espaciais de deslocamentos que tornam complexa a questão de como a cultura passa a significar. Por meio de tais concepções, é possível ter uma visão de como a cultura é construída, bem como, de que forma a tradição é inventada, desestabilizando, assim, a idéia fixa de essência. É Dessa forma, entrelaçando História e ficção, que Mia Couto propõe no romance *O outro pé da sereia* uma recontagem da História da colonização de Moçambique por meio da recriação de cenário e da representação das personagens que constituem a narrativa. Nessa revisitação, é apresentada uma nova perspectiva para o

fato histórico, narrado não do ponto de vista do colonizador, mas dos que não foram ouvidos ou foram silenciados pelo sistema colonial.

## **Considerações Finais**

Redimensionando essa discussão teórica para a produção literária de Mia Couto, tornam-se compreensíveis as estratégias de criação adotadas pelo autor para a composição do seu universo ficcional. Em seu projeto de criação literária, Mia Couto deixa transparecer uma possível resposta à dominação cultural manifestada por meio dos elementos religiosos, culturais, e nas vozes das personagens, configurando-se numa tessitura entre a história por ele criada e a história do seu povo. Em suas obras, é uma constante a valorização de vozes antes negligenciadas pelo colonialismo, ou apagadas pelo colonizador.

Sobre o papel de sua obra ficcional em relação à história de Moçambique, Mia Couto lança o seguinte questionamento: "De onde vem a dificuldade de nos pensarmos como sujeitos da história? Vem, sobretudo, de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade"<sup>3</sup>. Logo, torna-se evidente que a relação que o autor estabelece com a História em seus romances dá visibilidade à tematização da guerra, da colonização, da tradição e do hibridismo cultural, temas que estão diretamente ligados a sua inserção no processo de reconstrução de Moçambique.

Foi nessa configuração que o contato entre o colonizador português e os africanos foi reconstruído artisticamente no universo ficcional do romance *O outro pé da sereia*. Na encenação das personagens, o passado histórico é marcado por uma busca de restauração de valores culturais da tradição e pela opressão do sistema colonial. O tempo presente é encenado entre trocas e diálogos culturais, revelando uma existência híbrida que se enriquece e se transforma como o outro pé da sereia que metaforiza essas movências por meio da língua, das crenças e da religiosidade, adquirindo diferentes significados no confronto gerado entre portugueses e africanos.

## Referências:

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COSTA, Luana Antunes. *Pelas águas mestiças da história: uma leitura de o outro pé da sereia de Mia Couto*. Rio de Janeiro: UFF, 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) Universidade Federal Fluminense.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? E outras Interinvenções*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

\_\_\_\_\_. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FANON, Frantz. Sobre a cultura nacional. In: *Os Condenados da Terra*. Editora da UFSF, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEITE, Ana Mafalda. *A narrativa como invenção da personagem*. Navegações. V. 2, n. 1, p. 7-11, jan/jun. 2009.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brinciação vocabular*. Lisboa: Mar Além: Instituto Camões, 1999.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção*. Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In: Riedel, Dirce Cortes (org.). *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Ana Cláudia da. *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

WHITE, Hayden. *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Editora da USP, 2008.

## RESUMO

A relação de Mia Couto com a história da colonização da África se particulariza na obra *O outro pé da Sereia* (2006) por meio da recriação de cenários e da reconstrução das vozes que compõem a narrativa. Pelo viés desse diálogo, o romance se destaca devido à carga simbólica que traz na (re)construção ficcional de momentos históricos da colonização portuguesa em Moçambique. Partindo dessa premissa, propomos evidenciar uma recontagem da história por meio da encenação das personagens em diferentes tempos e espaços da narrativa, com o objetivo de identificar representações temáticas que envolvem o diálogo da história com a Literatura no romance. Tais temas serão analisados sob a ótica de estudiosos da produção literária de Mia Couto e autores da vertente teórica do pós-colonialismo.

**Palavras-chave:** Ficção; História; Mia Couto.

## ABSTRACT

Mia Couto's relationship with African history of colonization is revealed in his novel *O Outro pé da sereia, The Mermaid's Other Foot*, (2006). In this work the writer recreates scenes and reconstructs the voices that make up the narrative. Through this dialogue, the novel stands out as very relevant for our studies due to the symbolic weight that it brings in the fictional (re) construction of historical moments during the Portuguese colonialism in Mozambique. From this premise, we propose

to explore the retelling of History through the enactment of characters in different times and spaces of the narrative. We aim at identifying thematic representations involving dialogue between History and Literature in the novel. We examine such themes from the perspective of postcolonial studies and literary scholars who study Mia Couto's works.

**Keywords:** Fiction; History; Literature; Mia Couto

## NOTAS

.....

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, Área: Literaturas em Língua Portuguesa/UNESP- São José do Rio Preto. E-mail fatima-molina@uol.com.br.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.portal da literatura.com/entrevistas.ph](http://www.portal_da_literatura.com/entrevistas.ph). Entrevista dada em 26/09/2006. Acesso em 25/07/2012.

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://mozindico.blogspot.com.br/2009/01/entrevista-de-mia-couto-autor-de-o.html>.> Entrevista dada em 20/01/2009 Acesso em 25/07/2012.